

Ele queria que o jornal fosse o reflexo fiel da sociedade

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Valor, 30.04.07

Frias compreendeu que o jornal tem uma missão pública, mas é também mercadoria que precisa ser comprada por muitos.

Os grandes empresários que arriscam, investem e inovam são os heróis do capitalismo, os agentes do desenvolvimento. Os grandes jornalistas são o espelho desse mesmo processo, os portadores das boas e das más notícias. Os grandes empresários são individualistas e implacáveis na sua vontade de realização os grandes jornalistas são homens públicos comprometidos com o interesse público. As qualidades requeridas por atores sociais tão diferentes são muito diversas, mas Octavio Frias reunia tanto umas quanto as outras através de uma dialética pessoal que define as grandes personalidades.

Conheci Octavio Frias nos anos 1970, quando ele aceitou meus primeiros artigos. Vivíamos tempos sombrios e, de repente, a abertura de um grande jornal aos críticos do regime militar era uma novidade extraordinária. Estava Frias apostando na redemocratização? Sem dúvida, mas sem quixotismos. Sabendo que a sociedade ansiava respirar - e a "Folha" podia ser o instrumento para isto -, mas sabendo também que a transição democrática estava ainda distante. A democracia era um objetivo a ser alcançado, mas naquele momento a tarefa fundamental para ele era transformar o jornal morno e secundário que comprara há alguns anos em uma grande empresa e um grande jornal.

Desde então me tornei um amigo e um admirador de Octavio Frias e de seu filho Otavio, que então se preparava para assumir a direção do jornal. Um amigo sem maior intimidade, porque ele tinha muitos amigos, mas conservava deles sempre a distância necessária para que a objetividade do jornal fosse garantida. Um amigo que o visitava, que era convidado para almoçar, que nas vésperas do Natal era lembrado com um telefonema.

Era fascinante conversar com Frias. Ele não se afirmava jornalista, mas estava sempre fazendo perguntas. Uma atrás da outra. Lógicas, exigentes de um repórter pessimista. Sim, pessimista, porque um dos seus segredos era o pessimismo em relação aos outros e ao futuro. Ninguém se movia pelo interesse público, apenas pelos interesses pessoais, afirmava ele. Assim podia ser mais exigente consigo mesmo e com os outros. Mas eu sempre desconfiei que havia ali uma pitada de fingimento, uma precaução dialética contra o próprio espírito republicano, voltado para o interesse público, que era forte nele. Sabia muito bem que para levar a cabo seu grande objetivo - construir

um grande jornal e uma grande empresa - precisava ser duro e, por isso, preferia perguntar em vez de responder, preferia criticar para que os políticos pudessem construir, preferia ser pessimista para não se enternecer.

Preferia criticar as ações públicas, transformar o seu jornal em um instrumento da crítica social - esta foi sempre uma de suas marcas. Seus jornalistas também tinham que ser críticos. E descomprometidos. Nem o jornal nem os jornalistas podiam ter complacências pessoais. Nesse momento não havia amigos. Não apenas porque isto contrariava a ética jornalística na qual acreditava também porque era criticando que seu jornal crescia.